

“mui interessantes”. Havia várias cópias deste diário, algumas delas no estrangeiro e outras em um banco.

Contei estas coisas ao meu amigo.

— Um rato encurralado sempre tem talento — disse-me.

Voltei-me até ele com violência e tinha o punho em alto para golpeá-lo, mas seu olhar me paralisou. Ainda hoje não poderia explicar-me como ocorreu isto. Não moveu um dedo, não fez um só gesto. Unicamente me olhou e eu fiquei desarmado por dentro e por fora.

— Estás tão podre que perdeste tua integridade — disse-me. — Como estás mudado! Certa vez, revelaste-me a forma como rezava suas orações na igreja. Recordas? Por mais néscias e pueris que fossem essas palavras, ao menos tua integridade e tua honradez eram de valor. Agora... observa-te.

fatia nos ganhos que produziam os bons negócios da guerra. Nem os industriais, nem os mineiros, nem os políticos, diplomatas ou jornalistas, estavam livres desta tentação. E eu também caí nela e caí com muito gosto através de um amigo que especulava fortemente na Bolsa de Valores e que precisava estar bem e oportunamente informado acerca dos acontecimentos da guerra. Assim comecei a enriquecer-me.

Por outro lado certas organizações de propaganda começaram a pedir-me colaborações em forma de artigos. E os pagavam tanto melhor quanto mais altissonantes e estúpidos fossem. Aceitei e ganhei mais dinheiro.

Em certa vez recordei algumas observações que meu amigo havia feito quando se iniciaram os primeiros boatos acerca da boa vizinhança dos Estados Unidos.

— Bom vizinho unicamente pode ser quem paga à vista. Hoje em dia, ninguém está em situação de fazê-lo, muito menos os países sul-americanos. Porém, como o homem vive de palavras lindas, e quanto mais lindas mais néscias, acham que o conceito é sonoro, aplaudem-no e não sabem no que estão se metendo. É um conceito nascido da parábola do Bom Samaritano. Mas, nos Estados Unidos, alguém o tem distorcido e os demais países o tem distorcido ainda mais. Porém, a ideia é bonita e como nos Estados Unidos há dólares em abundância, aí vai a comparsa pan-americana que não é senão uma serpente de 20 bocas e uma cabeça.

— Isto é demasiado cáustico — disse-lhe.

— A verdade sempre é cáustica, especialmente para os hipócritas. Não te identifiques tanto com a propaganda que escreves e talvez poderás ver algo da verdade.

— Mas a boa vizinhança ao menos significa uma boa intenção.

— Satanás tem as melhores intenções para com o homem, por isso o idiotiza.

— Tu vês tudo tão friamente; o pan-americanismo é uma boa intenção.

— Ainda dormes. Se compreendesses que o homem não pode ter

uma continuidade em seus propósitos, rapidamente compreenderias que a intenção não basta. Se o homem pudesse manter uma continuidade em seu pensamento, sentimento e ação, suas boas intenções dariam frutos generosos. Assim como o indivíduo tem muitas boas intenções um dia, e no seguinte qualquer coisa o desvia delas, assim ocorre também na política. A ideia democrática é mais velha que andar a pé, mas é impraticável, pois requer um discernimento que poucos possuem.

Entre minhas anotações desta época, encontro uma página de uma carta que ele me escreveu a respeito da política internacional do momento, durante uma de suas viagens.

Diz assim:

“...O senhor Roosevelt é, sem dúvida, um homem muito bem intencionado, mas ocorre que o único bom vizinho que tem é seu cigarro, assim como o único verdadeiro aliado do senhor Churchill é seu charuto e o único camarada do senhor Stalin é seu cachimbo. Observe que nem Hitler nem Mussolini fumam. São demasiado virtuosos e como todo fanático da virtude, só veem a palha no olho alheio. Quando termine esta guerra, é provável que haja outra e com ela talvez a ciência progrida tanto, que se dê o gosto e desfrute da glória de haver destruído a civilização. Nada é mais fácil que profetizar uma guerra. Mas a guerra também inclui uma insipidez na vida dos povos e do próprio indivíduo. Se o indivíduo utilizasse esta insipidez interior para seu desenvolvimento e se pelo menos tratasse de averiguar de onde vem e porque ocorre, creio que se daria um passo em direção a paz. Porém, não é coisa fácil de conseguir que o homem compreenda que, frente aos fenômenos celestes, é menos que um átomo. A paz é uma conquista individual; jamais foi obra das massas. E, muito menos, obra dos exércitos. O homem ainda não aprendeu a aproveitar o que ensina a história, o que indica a experiência. A Liga das Nações foi, durante muitos anos, uma ilusão de paz; a verdade é que foi um foco de intrigas. Mussolini a destruiu com uma plumada. Depois desta guerra, possivelmente surja algo parecido, mas com algum outro nome. O homem deleita-se pondo ou trocando os nomes das coisas mais antigas da história.

homem audaz que conhecesse seus idiomas poderia organizá-los, sublevá-los. Seria interessante.

Olhou-me, compassivo.

— Vê – disse. – Aí, em ti mesmo, tens a esquizofrenia ocidental. Saturaste de violência a tal extremo que não podes medir a vida senão em termos de destruição e morte.

Passaram vários dias sem que voltássemos a nos encontrar. Por essa época os assuntos da minha vida estavam complicando-se de uma maneira incrível. A máquina me apanhara implacavelmente e eu me sentia como um passarinho hipnotizado por uma serpente, sabendo que vai morrer, que tem que fugir, mas que não pode fazê-lo. Quando voltei a ver meu amigo, confiei-lhe estes fatos.

— Já é demasiado tarde — disse-me. — Agora tens que seguir o movimento da máquina até onde te leve. Não podes fugir; vê:

E me conduzindo a uma janela que dava para a rua, mostrou-me dois homens que tratavam de disfarçar suas presenças.

— Quem são? — perguntei.

— Estás tão cheio de soberba que não te dá conta das coisas. A mentira te apanhou. São policiais que te seguem há vários dias.

Senti um golpe no coração. Não me acovardo facilmente e se bem conheço o medo, também sei que a coragem é justamente dominá-lo, por mais que nos persiga. Mas algo em mim tremia horrorizado ante a crua realidade dos fatos que chegavam a seu fim. Olhei meu amigo, esperando que dissesse algo, mas só comentou:

— Deverias sentir-te intimamente agradecido que se apresente esta saída. Geralmente, para o tipo de intriga em que tu embarcaste, a saída é o suicídio ou... um acidente na rua.

Não fiz maiores comentários. Conhecia-me o suficientemente bem para saber que não iria suicidar-me. E quanto ao acidente na rua, este me deixava gelado. Sabia bem que eu representava um perigo para muitos e que muitos veriam com agrado meu desaparecimento. Porém, eu havia antecipado esta possibilidade e havia feito saber a todos que levava um diário onde anotara coisas que o mundo político e diplomático chamam de

do movimento dos corpos celestes e não pode ser de outra maneira; é música que abarca, em seu compasso e em sua melodia, tudo quanto nossa alma já sabe acerca do sistema solar e dos enigmas que representam a Via Láctea e as Plêiades. A mais de três mil metros de altura, tendo um firmamento estrelado por panorama, o homem dos Andes tem, forçosamente, que sentir em termos grandiosos. Se seu pensamento estivesse à mesma altura que seu sentimento, a raça não haveria se degenerado. Esta degeneração começou muitíssimo antes da conquista, mesmo assim, sua degeneração é proporcionalmente menor que a ocidental em relação ao cristianismo. Isto se pode observar nos escritos que sobreviveram à catolização do Império. A alma destas raças ainda conserva a suficiente força espiritual; porém, por desgraça, não sabem atualizá-la e a esconderam no fundo das práticas católicas. Quanto ao Guarani, a natureza semitropical em que vive, dá a ele outro ritmo, outra forma, outro sentimento, mas em essência, diz o mesmo conquanto à espiritualidade. Ocorre que pouquíssimos homens entendem a realidade da vida através dos sentimentos, das emoções, e isso está produzindo uma civilização de esquizofrênicos. O que chamamos de subconsciente, não são senão funções correlativas que podem operar harmonicamente com a mente, com o pensamento. Por isso te digo que, se todo este tesouro artístico, se esta expressão emocional fosse compreendida intelectualmente, as raças do nosso continente compreenderiam seu verdadeiro destino. Mas, já há os que trabalham para dar luz neste sentido. No momento esses homens são como João Batista — uma voz que clama no deserto.

— Pelo que me dizes, pareceria conveniente reviver as religiões e os mitos das raças autóctones — disse-lhe.

— Não; isso seria ignorância. Nesse sentido nada há que reviver porque nada está morto. Não podemos voltar às formas do passado; só podemos compreender o princípio eterno que anima todas as formas. Há que compreender, não há que desagregar nem dividir. E esta é uma tarefa para cada indivíduo.

— Calcula-se que na América do Sul há dez milhões de índios. Um

A Liga das Nações nasceu morta. Já havia morrido na Grécia há mais de dois mil anos, com a Anfíctonia. Não se trata de organizações; não há que trocar de nome, senão que, há que modificar o homem. Não me peças que leve a boa vizinhança a sério porque tudo não soma senão um montão de mentiras. O trágico é que ninguém mente intencionalmente; ninguém se dá conta da Grande Mentira. Observa-o em ti mesmo, observa como já comeceste a acreditar em quanta mentira estás escrevendo.”

De tudo isto, o que me interessou foi à ideia de que um bom vizinho só pode ser quem pague à vista. Decidi utilizar esta ideia para um artigo e quando o publiquei minha vida sofreu uma nova transformação, conectada em certo modo a este singular amigo.

Vi-me lançado em cheio nas intrigas da espionagem política.

Poucos dias depois de haver elaborado esta ideia em uma série de artigos, vi-me em contato com certos vendedores de uma maquinaria que não poderia ser fabricada em parte alguma. Conheci-os mediante alguns amigos diplomatas. E desde então aumentou minha importância. Rapidamente vi que até minhas opiniões eram “importantes”. Até as mais perfeitas asneiras que costumava dizer, quando tinha um pouco mais de álcool no corpo, começaram a ter “importância”. A importância e a consideração que me atribuíam não estribava nem em minha inteligência nem em meu juízo crítico, pois fazia tempo que não utilizava nenhuma destas funções. Baseava-se, franca e sinceramente, no cargo que desempenhava e que continuaria desempenhando sempre que obedecesse a vacuidade de minha “importância”.

Não vale a pena que relate minha história em meio de todas as intrigas de então. Cito unicamente os fatos que têm relação com meu amigo e suas ideias. Porém, o que pude observar nos políticos, diplomatas e espões com os quais tratava alternadamente, daria lugar a uma formosa comédia humorística, se não fosse pelas trágicas consequências que traz consigo a atividade desta “fauna e flora” de nossa cultura. Observo que estou escrevendo com certo rancor e não o oculto. E se meu amigo pudesse ler isto agora, seguramente diria algo mais ou menos assim:

— Não aprendeste a perdoar. Ainda dormes. Tua “fauna” e tua “flora” não podem deter nem mutilar a vida.

Ao escrever isto percebo quanta nostalgia sinto por ele, quanto me dá pena não estar a seu lado agora. Mas, voltemos ao relato.

Uma noite, convidou-me para jantar. Minha confiança não havia diminuído. Conversamos longamente e com grande jovialidade. Conte-lhe minhas observações e ele sorriu carinhosa e compreensivelmente, como significando: “Os pobrezinhos não têm culpa...” Depois de jantar fomos juntos ao meu apartamento, que contrastava muito com aquele simples quarto de pensão no qual havia vivido tantos anos antes de chegar a ser “importante”. Ele olhou tudo em silêncio. Recordando essa noite, vejo quão inconveniente foi minha conduta. Comecei por mostrar-lhe orgulhosamente todos meus bens; os títulos de ações, a roupa, um simpático bar em miniatura, meu canto desportivo com um saco de pancadas, o “punching ball”, as luvas de boxe, as barras de ferro e minha formosa bicicleta italiana. Quando terminei minha exibição, disse-lhe com tom ufano:

— Que te parece?

— Perfeito — disse-me. — Pouco te falta para ser um cretino completo. Não me refiro a isto, à comodidade, senão à tua atitude ante todo este bem estar e o dano que tu mesmo estás te fazendo.

— Não te entendo — disse-lhe. — Ganho bastante dinheiro, vivo bem e desfruto a vida.

— A que preço?

— Não acho tão terrível — protestei. — Não sejas hipócrita. Só te falta censurar os vestígios de mulher que encontre.

— Talvez os vestígios de mulher sejam o único decente que te ficou. Mas é tua vida. Viva-a como te dê vontade.

Senti um vago temor ao ouvir estas palavras. Guardamos silêncio por um momento. Logo, senti um desejo veemente de confessar-lhe tudo quanto me torturava.

— Necessito tua ajuda — disse-lhe.

— Escuto-te.

— O guarani tem uma riquíssima expressão que significa que tudo quanto o homem diz em palavras, em linguagem humana, é uma porção da substância da alma; perceberás que esse conceito é similar a uma das santas verdades do cristianismo quando afirma que da riqueza do coração, fala a boca. E os que também dizem que o homem só pode expressar o que é. Enfim...

À noite seguinte, ceamos em minha casa e nos fartamos de música guarani. Porém, eu estava agitado e nervoso devido aos acontecimentos do dia e teria preferido discutir com ele meus problemas pessoais. Escutou a música com deleite. Eu bebia whisky. A música era por certo atraente, mas eu tinha a cabeça cheia de muitas preocupações em consequência da minha vida em meio a tanta intriga. Minha situação já se fazia demasiado densa e parecia não ter uma só saída por onde fugir. Nesse instante invejei a alegria de meu amigo, a incalculável paz que havia nele, sobre tudo, sua segurança, sua serenidade.

Quando se pôs de pé, um pouco antes de partir, disse-me:

— O guarani tem feito, mais ou menos, o mesmo que tu estás fazendo com este copo de whisky; eles bebem cachaça. Não é de todo desagradável, mas bebê-la para fugir de si mesmo é o mais néscio que pode fazer um homem. Os guaranis caíram na mesma rede de sonolência em que tens caído tu. Essa música que acabamos de ouvir é a voz de sua alma captada por um homem que ainda quer despertar aos seus. A Voz da Vida ainda vibra neles, mas eles se deixaram hipnotizar, não só pelo álcool, senão pelo enciclopedismo ocidental que é o veneno que consome nossos povos.

— Não creio que tenha morrido nada no guarani — disse-lhe. — Sua virilidade é coisa bastante clara. Creio que o guarani é o homem mais valente que já conheci. Vi-o na guerra. E a propósito, foi durante a guerra que conheci sua música e a acho tão bela e resoluta como a música dos altiplanos.

— Sim; ambas são genuínos chamados da alma destas terras, mas as formas são diferentes porque correspondem a distintas latitudes. Ambas são músicas essencialmente místicas. A de origem incaica segue o ritmo

vel. Quando lhe ofereci alojamento em minha casa, recusou cortesmente informando-me que em sua viagem havia sido convidado por outros amigos com os quais havia se comprometido a se alojar, porém nos veríamos em seguida.

Em nossa próxima conversa lhe perguntei se havia lido minhas crônicas e ele respondeu que sim e que havia recortado uma para conservá-la. Isto me chamou poderosamente a atenção. Esperava que me dissesse algo assim como: “não leio propaganda política”, etc. Mas, que ele houvesse recortado uma de minhas crônicas foi por certo uma verdadeira novidade. Perguntei-lhe qual crônica era. Tirou-a de sua carteira.

Eu esperava que tivesse sido alguma dessas especulações cheias de complexidades que tratava de apresentar um quadro internacional, citando a magnatas banqueiros e a líderes operários, etc. Mas o que meu amigo havia recortado era algo muito distinto: um comentário sobre certas canções guaranis em que registrava minhas próprias impressões.

— É muito interessante o que tu observaste nessa música — disse-me. — Corresponde fielmente a um tesouro de sabedoria que o guarani ainda sente mas que já deixou de compreender, oprimido pela cultura ocidental. Encontro nela o mesmo que em todo o folclore do continente: um fio escondido no tempo. Lê esta obrinha Yucateca e verás o mesmo conteúdo ainda que em forma distinta.

E me presenteou um livrinho que ainda conservo.

Disse-me que essa crônica era o que lhe havia induzido a buscar-me novamente e agregou:

— Tu não imaginas o bem que fizeste a ti mesmo ao escutares esta música com tanta atenção. Vibrará sempre em ti.

Eu sorri alegremente e em seguida respondi:

— Homem... se queres música guarani, em casa a tenho em abundância. Também tenho duas formosas canções maias e, abundantes discos de músicas incas.

Relatei-lhe em detalhes como tinha formado esta coleção e até mencionei as cifras que gastei nela. Escutou-me complacente.

Expliquei-lhe todas as coisas que se haviam convertido em um pavoroso dilema em mim mesmo, aquele infernal círculo de mentiras em que havia caído. Escutou com grande atenção, fez-me algumas perguntas para que aclarasse certos pontos que não queria expor abertamente. Refletiu um instante quando eu terminei.

— Que me dizes? — perguntei-lhe.

— Que queres que te diga?

— O que devo fazer.

— Corta pela raiz, rompe com tudo. Deixa tudo isto e começa de novo.

— Porém, estás louco?

— Não; tu és o louco. Olha ao que chegaste.

E dirigindo-se ao banheiro, tirou do armário um frasco que continha tabletes de um estimulante, com os quais deveria ativar diariamente meu sistema nervoso para poder suportar semelhante trem da vida.

Quando o vi com o frasco na mão, dei-me conta de muitas coisas, de seu enorme poder de observação, de sua real bondade e do carinho que me professava. Mas eu sentia que as coisas haviam ido muito longe para mudar. Baixei a cabeça em silêncio.

— Menos mal que te reste um pouco de vergonha — disse-me. — Aproveita-a e retoma o fio da tua vida antes que termine totalmente. Dentro de pouco tempo passarás deste estimulante às drogas. E quando sentires a necessidade de fugir da baixeza em que vives, o saco de areia e tuas luvas de boxe desaparecerão e colocarás quadros pornográficos em seu lugar. Agora, pode te ajudar esse amor que há em tua vida, mas se não o compreendes, se não te prenderes a ele com todas tuas forças, se segue cedendo à tentação desta forma, perderás o amor e buscarás a orgia.

— Bem sabes que não posso deixar meu trabalho. Sabes do que se trata. Sabes o que é a guerra.

— Problema teu. Perguntaste-me o que devias fazer e eu te respondi. Não tenho nada mais que te dizer.

Então foi quando cometi um lamentável erro:

— Escuta — disse-lhe. — Tu és mais inteligente que eu. Dar-te-ei a

metade do que tenho e de tudo quanto ganho, se me ajudares a sair disto.

Olhou-me em silêncio, sem dizer uma só palavra. Dei-me conta, demasiado tarde, da forma na qual o havia ferido. Vi como seus olhos encheram-se de lágrimas. Afastou-se angustiado por uma singular tristeza e quando estava na porta, disse:

— Trinta moedas de prata...

Senti desejos de pedir-lhe perdão, mas algo me conteve. Aproximei-me do bar e, enquanto me servia um copo de whisky, recordei aquela outra cena silenciosa que parecia haver ocorrido em um passado já muito distante, aquela vez que na igreja eu havia exclamado “merda” e ele havia respondido “amém”. Bebi o whisky de uma só vez, olhei os tabletes de estimulante que ele havia deixado sobre a mesa do bar e disse a mim mesmo em voz alta:

— Que se vá ao demônio!

Bebi whisky até me embriagar.

Capítulo VIII

Passou o tempo...

Rapidamente, a máquina na qual eu estava preso começou a funcionar de outra maneira, mais intensamente. Acercávamos do final da guerra. Tudo era mais desesperado. Troquei de cidade, fui para outro país e ali continuei o que havia começado e do que já não poderia evadir-me. Recordava a meu amigo sempre de tarde em tarde.

Cada dia me causava mais assombro a facilidade com que mentia e enganava, e a facilidade com que todos pareciam crer em minhas mentiras e em meus enganos.

Numa noite em que havia bebido mais do que o necessário, para esquecer meu emporcalhamento, encontrei meu amigo.

Olhou-me em silêncio e, sem me dar tempo para expressar minha alegria, disse-me:

— Reflexiona um pouco. Não busques sofrimentos que não necessitas.

Sabia que a ele não poderia mentir. Pedi-lhe que não me deixasse e ele me comunicou que iria permanecer um tempo nessa cidade e que provavelmente nos veríamos muitas vezes.

Foi muito pouco o que conversamos nessa noite. Não deixou de intrigar-me aquilo de que eu estava buscando sofrimento que não necessitava. Porém, como de costume, pensei que seria uma nova extravagância de sua parte. Em troca, gostaria muito de ter-lhe demonstrado uma maior hospitalidade e corresponder a sua devoção de amigo de uma maneira mais tangí-